

Os perigos na Matéria-Prima da educação artística

The endangered raw matter of art education

Editorial

JOÃO PAULO QUEIROZ*

*Portugal, par académico interno e editor da *Revista Matéria-Prima*.

AFILIAÇÃO: Portugal, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos de Belas-Artes. Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal. E-mail: joao.queiroz@fba.ul.pt

Sobre a Matéria-Prima, há novidades e perigos. O tempo vivido na Europa e no contexto global tem vindo a acentuar a urgência das prioridades quantificadas, com um discurso dominante onde há menos política (pessoas) e mais representação económica (coisas).

O correlato entre pessoas e coisas é, como sabemos, o dinheiro, ou trabalho reificado. A crise europeia, em torno da dívida soberana e dos maiores orçamentos do mundo, da capacidade da sua gestão na linguagem dura dos mercados e das taxas de juro veio modificar os objetivos imediatos da Europa, que em 2000 eram ambiciosos — “a sociedade mais competitiva do mundo em 2010” (Comissão Europeia, 2010) — para uma estratégia de emergência, agora chamada ao horizonte 2020 (European Commission, 2010, 2015).

A mudança é crítica, e a pressão é unânime, e o risco de discordar é suprimido. Entre 2011 e 2014 o governo de Portugal viu o seu programa governativo ser detalhado ao pormenor por técnicos do FMI, BCE e UE: a qualquer partido que ganhasse as eleições tratava-se de cumprir o acordado, com metas de dois em dois meses, e avaliações trimestrais, ligadas à continuidade do financiamento. Este foi um período de soberania suspensa e de adesão obrigatória. Sem a moeda nacional, a manobra orçamental foi reduzida ao mínimo, mais impostos, menos despesa, despedimentos,

desemprego a duplicar em dois anos, súbita vaga de imigração massiva. O país modificou-se em poucos anos. As prioridades são cada vez mais as da economia, avaliada trimestralmente, e sujeita ao parecer dos investidores e agentes financeiros globais.

Este é o panorama ideal para colocar o ensino artístico em risco. Os fóruns internacionais passaram a valorizar os resultados da educação em *rankings* e sondagens de aproveitamento, cuja principal estratégia e preocupação é a mensurabilidade e comparabilidade, como são exemplo os relatórios PISA: avaliam-se em todos os países, as competências em Ciências, Matemática e Língua Materna. As políticas estabelecem-se com base em objetivos a 5 ou dez anos, no sentido de obter uma subida dos resultados nestes indicadores.

Descrevo pois um contexto adverso às artes e às humanidades em geral. O lugar da criatividade começa a ser apropriado pela “economia criativa” que, no jargão atual, anda a par com o “empreendedorismo,” a “empregabilidade,” e a ligação entre o ensino e a indústria (mais patentes, mais inovação, mais R&D). O futuro parece criativo, se a criatividade for empresarial ou, o que é o mesmo empreendedora.

Aqui encontro mais justificação para manter vivo o desígnio de colocar nesta revista “Matéria-Prima” uma plataforma onde os especialistas em educação artística, os professores e profissionais do terreno

Abrimos este número com um excerto do livro de Ana Mae Barbosa, acabado de sair do prelo (Barbosa, 2015) aqui na forma de uma peça destacada na nossa secção “artigo republicado.” No texto, intitulado “Apresentação de um livro: Redesenhando o Desenho: educadores, política e história,” observamos uma contextualização das fases por que passou a arte educação no Brasil, bem como as suas ameaças e equívocos contemporâneos. Ana Mae Barbosa faz um percurso de grande síntese, propõe balizas temporais e autores definidores, salienta linhas taxonómicas sistematizadoras fundamentais, e elenca ainda alguns perigos de uma arte educação desinformada, ou contaminada por interesses circunstanciais. É um importante texto que combina o seu saber enciclopédico, com a capacidade de articular o pensamento de artistas e pedagogos, dentro da linha que fez desta autora uma das mais influentes na renovação deste domínio, sobretudo no eixo partilhado da lusofonia: Ana Mae é uma referência incontornável, e a ela somos gratos pela sua capacidade de intervenção nos mais diversos fóruns, em defesa do crescimento do ensino pela arte, e onde a partir de agora se conta esta nossa revista como alvo do seu interesse e generosidade.

A revista prossegue com um conjunto de 19 artigos originais a concurso que forma aprovados pelos Pares Académicos e pelo Conselho Editorial.

O artigo de Dilar Pereira (Portugal, trabalho em Timor), “Educação Artística em Timor-Leste (2012-2014): uma visão integrada das artes, uma prática com

sentido performativo” apresenta o testemunho de uma professora que colabora ativamente na reforma curricular do 3º ciclo do ensino básico de Timor-Leste e apresenta resultados do terreno, trazendo pela primeira vez a esta publicação a realidade daquele novo país.

Pollyanna Martins (Rio Grande do Sul, Brasil), no artigo “Interrogando o habitual: objetos ordinários com possibilidades extraordinárias” apresenta uma prática no terreno em Porto Alegre cruzando desenho e monotipia, assim como a fotografia e novos objetos tridimensionais, despoletados a partir de recursos lúdicos como a “caixa assustada.”

O texto “Se puede tocar: ¡Una instalación en el pasillo!” de Idoia Marcellán Baraze (Espanha), junto de crianças de dois anos, seguem o trabalho do pedagogo italiano Loris Malaguzzi e introduzem uma intervenção, onde a partir do trabalho de um artista contemporâneo, as crianças têm uma oportunidade de descoberta e interação lúdico-artística.

Mônica Sueli Caetano da Silva (Bahia, Brasil), no artigo “Textualidades: as imagens como fontes de identidade” introduz o tema do multiculturalismo nos dois primeiros anos de escolaridade de uma escola em Salvador da Bahia, problematizando novos modos de aproximação ao tema.

O texto “Narrativas, Imagens e Sons da Cidadania: uma experiência/vivência artística/cultural em uma comunidade brasileira” de Marise Berta de Souza & José Umbelino de Sousa Pinheiro Brasil (Bahia, Brasil) assume e reinterpreta o tema da identidade, comunidade e memória, junto de estudantes do ensino médio, com recurso aos meios audiovisuais e à interação cultural local.

Luciano Carmo de Oliveira (São Paulo, Brasil) no artigo “Elementos visuais: proposições e percepções nas aulas de Arte,” apresentam resultados junto de alunos do 2º ano do ensino fundamental perto de São Paulo, experimentando recursos plásticos expressivos simples.

Em “O ensino no património: sensibilizar para preservar, conservar e restaurar,” Marta Frade (Lisboa, Portugal) revisita a escola de ensino profissional onde outrora foi aluna, agora como professora. As aulas de restauro de obras de arte junto de alunos do ensino médio (11º e 12º anos) tornam-se uma vertente a ser integrada e estudada dentro do campo vasto da educação e ensino artístico.

Helena Cabeleira (Lisboa, Portugal) no artigo “Investigar em Educação Artística e Ensino das Artes Visuais: balanço da produção e perspetivas atuais na Universidade de Lisboa (2007-2014)” apresenta uma interessante pesquisa sobre as linhas que marcaram o interesse de investigação pelos 98 alunos que concluíram os seus mestrados em educação ou em ensino artístico da Universidade de Lisboa, procurando estabelecer categorias e regularidades.

O artigo “Exemplo de uma prática Pedagógica: Metamorfose e representação de um objeto” de Jorge Araújo, Francisco Diniz & Conceição Ramos (Lisboa, Portugal) apresenta uma prática pedagógica que parte da exploração plástica de um referente inicial, uma flor, para explorar os meios expressivos do desenho da animação.

Em “Por uma epistemologia do ensino pela Cultura Visual,” Leonardo Charréu (Rio Grande do Sul, Brasil & Portugal) debate o quadro epistemológico da cultura visual enquanto processo para despoletar a educação.

Inês Argôlo & Marise Berta de Souza (Bahia, Brasil) no texto “Ressignificando os desenhos de cópia: uma experiência em Arte/Educação numa classe de EJA em uma escola pública na cidade de Salvador /BA” apresenta uma aproximação aos procedimentos de desenho perante referentes da história da arte, relatando uma experiência de aprendizagem com adolescentes e adultos.

O texto de Sofia Ré (Lisboa, Portugal) no artigo “A construção da identidade na interferência entre o ver, o fazer e o pensar o desenho” introduz a educação pela arte a partir do texto literário (*Mensagem*, de Fernando Pessoa) junto de alunos do curso profissional, onde a autora desenvolve a prática de ensino supervisionado, parte da sua formação como professora.

Carla Gil (Lisboa, Portugal) no artigo “Projeto: a arte na ciência, “cubo mágico,” módulo-padrão” explora conteúdos transversais como matemática junto de alunos de Educação Visual do 8º ano, em escola da periferia de Lisboa.

Cristina da Rosa & Adriana Durante (Santa Catarina, Brasil), no artigo “PIBID Interdisciplinar: contribuições para a formação docente a partir das artes visuais numa perspectiva inclusiva” apresenta um aspecto do trabalho de formação de professores na realidade do Brasil, do seu programa PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência, da Fundação CAPES, Brasil), partindo de princípios de interdisciplinaridade e inclusão na criação e exploração de centros de recursos.

O texto “Cartografias e tramas afetivas no Ensino da Arte: perspectivas de liberdade no Colégio Pedro II em associação com a pedagogia-bricoleur” de Alexandre Guimarães (Rio de Janeiro, Brasil), apoia a arte educação do ensino fundamental numa aproximação horizontal e promotora de interdisciplinaridades, explorando ‘temas geradores’ para que a compreensão do mundo anteceda a sua leitura (Freire, 1989: 11; 2014).

Myriam Oliveira (Espírito Santo, Brasil), no artigo “Patrimônio Artístico e Cultural matéria prima para a disciplina Arte e Educação no curso de Pedagogia” salienta a importância da auto-formação como complemento da formação como educador, promovendo os encontros, as saídas, as iniciativas de conhecimento junto do patrimônio cultural vivo ou musealizado.

O artigo “Artes visuais e sustentabilidade: a dimensão ambiental na formação de

professores do ensino secundário," de Thérèse Hofmann & Rosana Castro (Brasília, Brasil), apresenta uma aproximação entre a sustentabilidade e o ensino, promovendo a pesquisa de novos aglutinantes e meios expressivos que recorrem a materiais naturais, recolhidos localmente, em detrimento dos solventes e dos pigmentos sintéticos.

Pedro Miguel Jesus & Pedro Duarte dos Santos (Lisboa, Portugal) no texto "Referência e apropriação: da cópia à autoria" procura alargar o tempo de prática artística recorrendo ao diário gráfico e aos seus desafios, no contexto dos alunos do 5º ao 9º ano do ensino básico, introduzindo recursos de análise e de convivência com imagens de referência artística.

Finalmente o artigo de Teresinha Vilela & Aldo Victorio Filho (Rio de Janeiro, Brasil) "Relações entre currículos e interesses dos estudantes da escola básica de uma escola pública" apresenta aspectos de uma pesquisa de pós graduação junto de uma turma de uma escola em Duque de Caxias, Rio de Janeiro, cuja motivação se centrava no *hip hop* e nas subculturas urbanas, explorando os seus interesses na "feira cultural."

Abre-se, com este número 5 da Revista Matéria-prima, o campo para uma crítica atenta. Pensava-se que os tempos em que a literacia era apenas "saber ler, escrever e contar" estavam no passado. Hoje as sondagens PISA, que abrangem já muitos países com metodologias decerto inquestionáveis e rigorosas, incidem exatamente sobre estas competências, atualizadas para o 10º ano de escolaridade: a língua, a matemática, as ciências. Estes padrões globais empurram as políticas em direção ao pragmatismo da educação utilitária, onde o campo das artes é o primeiro a desaparecer. Assim poderemos dizer: a matéria-prima de amanhã corre riscos de desaparecer gradualmente, pelos cortes de carga horária, pela concepção extracurricular da educação artística, pela sua percepção menorizada em função das concepções competitivas da sociedade contemporânea globalizada.

Referências

- Barbosa, Ana Mae (2015) *Redesenhando o Desenho: educadores, política e história*. SP: Cortez.
- Comissão Europeia (2010) *Documento de Trabalho dos Serviços da Comissão: Documento de avaliação da Estratégia de Lisboa*. [Consult. 2015-05-08] Disponível em http://ec.europa.eu/archives/growthandjobs_2009/pdf/lisbon_strategy_evaluation_pt.pdf
- European Commission (2010) *Lisbon Strategy for Growth*. [Consult. 2015-05-08] Disponível em http://ec.europa.eu/archives/growthandjobs_2009/
- European Commission (2015) *Europe 2020*. [Consult. 2015-05-08] Disponível em <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2010:2020:FIN:EN:PDF>
- Freire, Paulo (1989) "A importância do ato de ler" in *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989. [Consult. 2015-05-08] Disponível em http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_a_importancia_do_ato_de_ler.pdf
- Freire, Paulo. (2014a) *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.